

5 poemas de **Gabriel Resende Santos**

inspiração

meus mestres estão todos mortos. não sobra um único mestre
pra me explicar kant, spinoza, milton santos e eletromagnetismo.
meus mestres morreram no final do século xix/início do século xx.
de sífilis. de cirrose. suicídio. meus mestres estão todos mortos
e alguns felizes finalmente. devia dizer que os mestres
são eurídice e orpheu, felizes e realizados – aliança de casamento
e nem rastro de serpente. devia dizer em outra língua
em grego em mandarim em hebraico em mallarmaico. devia
orquestrar um tumulto alquímico em legiões de frases soltas.
mas
meus mestres estão todos mortos.
não sei se os mestres todos já conheceram os pés do grande demiurgo
mas os meus mestres conhecem. imploram. são feios e dementes
e em vida eram sem valor e sem amigos e sem conquistas. mestres
de ninguém. de nada. agora meus mestres estão
contando anedotas para os outros mestres. o maior de todos em seu
gigante labirinto confessando fantasmagorias
para o confuso rei dos geógrafos e astrônomos. meus mestres são uns clowns
e gostam da corda. meus mestres estão
ainda mais mestres
e ainda mais mortos.

cinzas

a colombina assombrada
pelo barulho lá fora
meu carnaval
quebrando mais uma janela

os torsos em busca da vela roxa e sólida
de meu carnaval
queimam-se e esfregam-se na lenha
que o bebê de tarlatana rosa ajuda a queimar
com seu nariz de pinóquio

vestindo a inocência com uma máscara
pra desfilhar no rio torto
meu carnaval
é o suor modificado pela chuva
baiana traída pelo atraso do vendaval

vidro que corta o pé
e que não tira sangue mas tira susto
meu carnaval
é um bate-bola problemático assoprando
noite nos ouvidos das crianças

arruaceiro que pula o muro
e arromba a porta

meu carnaval
levanta tonto
cadê o uísque cadê a festa
serpentinando aleijado até achar
sem surpresa
as páginas da própria biografia.

num dia de fúria

(ou numa tarde de cão)

as tropas de homens de ferro fundido
carregando suas peles de bronze
e suas pálpebras imaginadas
vão trocar suas formações na base
do centro cultural banco do brasil
e sair à rua para estuprar as ausências
do centro marginal de um rio poluído

as fúrias de pedra entretêm
os mendigos e pivetes com suas insuspeitas
e inatravessáveis espadas de protesto
no instante mesmo em que um tatari gami
de lodo e medo e borracha e vidro
abrir seus dentes para todas as esperanças
que se realizem em crônicas mofadas

ou folhetos avisando liquidações.

num dia de homem (ou de cão)
num dia de deus pão gormley
de sirenes de bombeiro e zumbis
telepatas navios flutuantes zoroastros
fantasmas infalíveis rasgos orelhados
60 espartanos trocarão de pele
qual a serpente dos sábados vitais
pra me ensinar na irrupção de altruísmo
a contar de um a um milhão.

cinografias

Na poltrona, desperto. Os ruídos
soprando grandes triângulos.
Pirâmides. Cilindros. Em
filas de cinema vislumbrei os pesados volumes
da terra sem lei. No Odeon as mímicas automáticas
de luminosas tesouras de titânio, cortando os tickets
amarelos. As musas sob a pesada lona
exaltavam Wagner e as danças de mãos juntas.
As musas não se entendiam. Forçavam a trilha-sonora
nos narizes. Nas testas. Onde assinavam as cifras
e o roteiro da obra-prima. Na poltrona, sabia ser Gigante

e subtrair espíritos em pequenos grunhidos. Era permitido
obter a glória na cabeça do vilão. As palavras flexíveis
viriam das bocas das ninfetas e bem antes das letrinhas.
Porque as musas são de bronze. Porque o céu é de couro.
E depois, porque o depois é fim, na última nota do violino e
no último crédito de figurante, todas as películas do sonho
se tornam uma una e imensa gota corporal
fugindo de olhos entreabertos.

um poema que podia ser conto sobre o crime do sol

o sol nas festividades
de seu dezembro particular
descobriria que o próprio brilho
não era dos maiores

depois da descoberta
o semblante anêmico
(febre amarela?)
era de dar pena

enfurecido
ele que nunca enfrentava as
outras estrelas
vizinhos ignorantes

bullies que maldosamente o apelidavam
bolinha de tênis
preferiu agir sobre as
formigas terráqueas
especialistas em opressão

em duas noites
(um dia)
arrancou metade de suas vistas

bem-sucedido
o sorriso que abriu depois
era ainda mais brilhante que o de suas colegas celestes

pras formigas
o sorriso pela metade tinha um quê
de político.

Gabriel Resende Santos nasceu em 1994 no Rio de Janeiro. Acredita em Whitman e Rimbaud, mesmo sem assumir religião. É autor do livro Elevador (Patuá, 2014).